



NA LINHA DA FRONTEIRA

Maria Lucia Torrecilha
Uniderp
maria.torrecilha@terra.com.br

As reflexões apresentadas neste artigo, pretendem contribuir para o aprofundamento das questões urbanas relativas às cidades de fronteira internacional. Os estudos iniciais se desenvolveram na dissertação de mestrado¹ com uma ampla pesquisa bibliográfica acerca das fronteiras internacionais e brasileiras. A pesquisa de campo investigou as cidades gêmeas de Ponta Porã (Mato Grosso do Sul - Brasil) e Pedro Juan Caballero (Departamento de Amambay – Paraguai), (figura 1) que fazem fronteira seca separadas apenas por um grande canteiro central. Esta área (chamada de zona neutra) possui, em média, vinte e cinco metros de largura e extensão de treze quilômetros e oitocentos metros definindo um eixo longitudinal, acompanhado por duas vias paralelas: uma no Brasil e outra no Paraguai. É o limite, é a linha internacional, que vai marcar as semelhanças e diferenças, as simetrias e assimetrias e o movimento pendular, tão característico nestas áreas. (Figura 2). Para Schäfer (1993, p.25) “[...] é o comércio, a atividade mais sensível à influência da fronteira. As diferenças de cambio produzem tradicional e alternadamente, crescimento e recessão

A linha de fronteira é o local que concentra e irradia as atividades comerciais e de serviços. A partir dela, nas duas localidades, ocorre um deslocamento do comércio para áreas contíguas (duas avenidas paralelas cortadas por ruas perpendiculares) definindo o centro. Como lembra Schäffer (1993, p.31) ao referir-se a Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) “[...] o centro é a tangência entre os dois territórios nacionais”. Não existe ruptura da malha urbana junto a linha da fronteira. Esta integra-se ao traçado. No entanto, observa-se que Ponta Porã e Pedro Juan possuem diferenças na configuração do desenho e na ocupação urbana. Na cidade brasileira existem muitos espaços vazios com ausências de praças e parques. Apresenta também algumas barreiras para a expansão da cidade caracterizadas, principalmente, pelas áreas

¹ TORRECILHA, Maria Lucia. A Fronteira, as Cidades e a Linha. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

institucionais dos quartéis militares. Isto resulta numa morfologia que subutiliza os espaços, concentra certas atividades e inibe o crescimento de outras. Esta estrutura induz um crescimento de forma linear em direção ao distrito de Sanga Puitã, distante onze quilômetros de Ponta Porã. Na cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero as áreas verdes e praças são bem distribuídas, entremeando o setor residencial. As áreas institucionais não se apresentam de forma ostensiva como na cidade vizinha brasileira. A estrutura urbana é baseada em um desenho de quadras com dimensão média de 100 x 100 metros, que organizam-se em eixos norte – sul e leste – oeste demonstrando, portanto, um equilíbrio na ocupação e evitando grandes vazios urbanos. Diferentemente das quadras brasileiras (180 x 150 metros) cuja divisão interna resultou em lotes muito irregulares, principalmente junto a linha. Uma das causas atribuídas a esta situação pode ser o remembramento ou desdobro para abrigar o comércio.

O centro comercial das cidades gêmeas encontrou nos limites e proximidades a sua melhor localização. Vargas (2001, p. 20) diz que: “A necessidade de encontro para a realização da troca vai levar a atividade comercial a procurar os lugares mais propícios a esse encontro, os quais coincidem com o cruzamento de fluxos de pessoas ou com os locais onde as demais atividades sociais acontecem pelos mais diversos motivos: religião, política, diversão, cultura”. A comprovação desta análise deu-se quando em 2002 foi aplicado um questionário, com 18 lojistas que trabalham junto a linha nos dois países. A pergunta formulada era a seguinte: quais os fatores que os estimulam ou os desestimulam a ficar na linha de fronteira? Com relação a primeira pergunta as respostas identificaram que a maioria prefere ter os seus negócios na linha. Na segunda, a maioria respondeu que não existe nenhum fator que os desestime, porém os indicadores de falta de segurança e de violência não podem ser desprezados. (Gráficos 01 e 02)

Um fato novo que chama a atenção dos moradores e visitantes da fronteira (junho de 2005) é a mudança da Casa China (maior shopping de importados da região), situada no centro da cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, para a entrada da cidade. Na área atual será adaptado um supermercado. Os empresários coreanos construíram uma loja duas vezes maior e compraram todas as áreas em volta com o objetivo de evitar o comércio formal e informal. Muitos consumidores de cidades vizinhas não necessitarão “entrar na cidade” para fazer suas compras. Segundo informações locais os proprietários pretendem construir também um grande hotel anexo. Esta situação vem comprovar a tese de Vargas (2001, p. 53-54) a respeito da relação entre localização e atividade econômica. Para ela, “existem dois tipos principais de enfoque :

a) *A localização de estabelecimentos* onde o empresário atua num ramo específico e quer localizar o seu negócio adequadamente para continuar, ou mesmo, aumentar a sua rentabilidade. Nesse caso a atividade econômica é entendida como um dado.

b) *Definição do tipo de negócio* para ser implantado numa determinada área, para que dela se possa tirar a maior rentabilidade. Nesse caso a localização é entendida como o dado.”

Na situação da Casa China, ela vai fazer a sua localização, no novo espaço. No espaço atual, que será substituído por outro negócio, a atividade econômica é o dado da rentabilidade. (Figuras 3, 4,5,6)

A linha da fronteira é o espaço mais representativo das duas cidades. Lugar de trabalho, de serviços, do comércio formal e informal, da circulação de brasileiros e paraguaios e onde a cidade praticamente nasceu, desenvolveu-se e tende a expandir-se. Ela tem um forte significado no contexto local, pois, além de ser um espaço de encontros, a linha foi marcada por muitos desencontros e desafetos transformando-se num ícone para as duas populações. Marco físico, geográfico e cultural é onde os povos misturam-se aos precários equipamentos urbanos, aos monumentos, às barracas de camelos construídas de alumínio (denominadas pela população de “shopping de lata”), aos casilleros (denominação em espanhol para camelos que trabalham em barracas construídas de madeira), aos pontos de vendas de drogas e de prostituição. A realidade que coloca camelos junto a linha partiu de um grupo de brasileiros ao fundarem em 1995 uma entidade denominada Associação do Primeiro Shopping Calçadão Mercosul. Esta organização solicitava autorização das autoridades para comprar mercadorias dos países do Mercosul e vendê-las do lado brasileiro ocupando a franja de terra da zona neutra, que divide os dois países, a exemplo dos casilleros que já estavam assentados neste espaço. O objetivo maior era pressionar o Congresso Nacional para implantar uma Área de Livre Comércio em Ponta Porã abrindo concorrência igualitária com o comércio paraguaio. Este projeto não transformou-se em lei, porém a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites autorizou a construção das barracas, desde que ficassem, no mínimo, a dez metros do marco divisório internacional e que não utilizassem na construção, material permanente. Após o Alvará de Licença da Prefeitura Municipal de Ponta Porã para Construção, 100 módulos de alumínio foram edificados numa extensão de aproximadamente 600 metros, implantados de forma linear. Atualmente são 123 boxes de comércio e serviço empregando, em média, 370 funcionários. No Paraguai são aproximadamente 560 casillas, autorizadas pela municipalidade de Pedro Juan Caballero que se distribuem também

de forma linear, formando com os brasileiros um grande camelódromo. (Figuras 7, 8, 9,10, 11, 12, 13 e 14).

As relações internacionais nas fronteiras no âmbito do comércio são tão importantes quanto as relações de trabalho, de consumo dos serviços de saúde, educação, transporte e de infra-estrutura de água, de energia elétrica, de esgotamento sanitário, de disposição final de lixo, de sistema viário e de comunicações. As diferenças nos sistemas políticos, administrativos e nas legislações não significam entraves se há permeabilidade nos fluxos de ir e vir e interações sócio - políticas amigáveis nos dois países. A poluição ambiental, a exploração dos recursos naturais para atividades primárias de agronegócios, o comércio ilícito, e, principalmente, o contrabando de armas e drogas e atividades de exploração sexual de crianças e adolescentes podem ser considerados os grandes problemas a serem enfrentados nas cidades gêmeas e localidades que fazem contato fronteiriço.

No Brasil, na extensa fronteira terrestre (15.735 quilômetros), poucas são as cidades, vilas e distritos que estão no limite internacional e se articulam através da fronteira seca ou fluvial. Segundo Mattos (1990, p.91-92) são quarenta e duas “localidades situadas sobre a linha de fronteira e suas correspondentes nos países vizinhos”. De acordo com Machado (2005, p. 276-281) são oitenta e três entre “cidades gêmeas e /ou localidades mais próximas e as interações fronteiriças.” A diferença, entre os autores, reside no fato do primeiro autor ter apenas relacionado as aglomerações urbanas que tem o seu correspondente em outro país. Machado optou por relacionar todas as localidades, mesmo as que estão apenas de um lado do país. Independente de números, esta situação apenas demonstra o quanto é periférica as nossas fronteiras e incipiente a atuação do Estado. As ações se voltam muito mais para o policiamento do que para a promoção do desenvolvimento. De acordo com Machado (2005, p. 262) “O número reduzido de cidades vizinhas reflete a situação de marginalidade da zona de fronteira em relação às principais correntes de povoamento da América do Sul, concentradas na orla Atlântica e nos altiplanos andinos”.

Não existe uma política para as fronteiras brasileiras. Os programas e projetos são criados em função de situações conflituosas nestas áreas. Uma política de gestão compartilhada entre os países pode ser o caminho.

BIBLIOGRAFIA

MACHADO, Lia Osório. **Estado, territorialidade, redes. Cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana.** In: Silveira, Maria Laura (org.). **Continentes em Chamas: globalização e território na América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

SCHÄFFER, Neiva Otero. **Urbanização na Fronteira (a expansão de Sant'Ana do Livramento).** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993

TORRECILHA, Maria Lúcia. **A Fronteira, as Cidades e a Linha.** Campo Grande: Editora UNIDERP, 2004.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.